

CENTRO DE ESTUDOS SOCIAIS

DICIONÁRIO DAS CRISES E DAS ALTERNATIVAS


ALMEDINA

 ces

Centro de Estudos Sociais

Dicionário das Crises e das Alternativas



DICIONÁRIO DAS CRISES E DAS ALTERNATIVAS

AUTOR

Centro de Estudos Sociais – Laboratório Associado
Universidade de Coimbra

EDITOR

EDIÇÕES ALMEDINA, S.A.
Rua Fernandes Tomás, n.ºs 76, 78 e 79
3000-167 Coimbra
Tel.: 239 851 904 · Fax: 239 851 901
www.almедina.net · editora@almедina.net

DESIGN DE CAPA

FBA

REVISÃO

Victor Ferreira

PRÉ-IMPRESSÃO

EDIÇÕES ALMEDINA, S.A.

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

G.C. – GRÁFICA DE COIMBRA, LDA.

Palheira Assafarge, 3001-453 Coimbra

producao@graficadecoimbra.pt

Abril, 2012

DEPÓSITO LEGAL

....

Os dados e as opiniões inseridos na presente publicação são da exclusiva responsabilidade do(s) seu(s) autor(es).

Toda a reprodução desta obra, por fotocópia ou outro qualquer processo, sem prévia autorização escrita do Editor, é ilícita e passível de procedimento judicial contra o infractor.



GRUPOALMEDINA

BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL – CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

Centro de Estudos Sociais – Laboratório Associado

Universidade de Coimbra

DICIONÁRIO DAS CRISES E DAS ALTERNATIVAS

ISBN 978-972-40-4820-8

CDU 316

338

Ética (nos negócios)

A tradição filosófica sugere que a ética seja entendida como uma reflexão fundamentada sobre a validade das práticas que têm impacto no bem-estar humano. Essa validade deve ter como horizontes de referência a preservação da dignidade humana e a realização do seu potencial. Por isso, dada a universalidade destes referenciais, os princípios éticos que regulam e orientam a conduta do bom cidadão são os mesmos a que deve obedecer o bom gestor. O respeito pela liberdade individual, o empenho solidário na vida coletiva e a transparência nas relações humanas são princípios que não dependem de circunstâncias particulares nem devem ser atenuados pelo “fim lucrativo” como fim em si mesmo, que não é.

A ética, no contexto empresarial, tem a função de “polícia-sinaleiro”, alertando em cada caso para a eventual imoralidade das escolhas possíveis. Espera-se que, quando esse sinal surge, os decisores organizacionais travem a fundo, corrijam a rota ou evitem a escolha imoral. Se os gestores assumissem este compromisso como um elemento central da sua prática diária, talvez os perigosos desequilíbrios sociais que hoje existem fossem menos profundos e as dificuldades da própria atividade empresarial fossem menos graves.

Os gestores e empresários são, com frequência, vítimas dos seus próprios preconceitos em relação aos interesses alheios, do seu próprio medo de desalinham o passo e, em última instância, da sua própria ação, naturalmente limitada por todas essas vulnerabilidades. O maior imperativo ético da ação empresarial é a exigência de respeito, em cada decisão, pelas liberdades positivas (promovendo o desenvolvimento) e negativas (preservando contra o dano) de cada ser humano. O maior desafio é manter a integridade desta escolha, mesmo durante uma crise econômica e social.

Filipe Almeida

EUA

Os Estados Unidos da América surgiram como grande potência depois das duas guerras mundiais. No século XIX, com a Guerra Civil, consolidou-se a União e o capitalismo industrial e aboliu-se a escravidão. Afirmado o seu papel hegemônico no hemisfério ocidental com a Doutrina de Monroe, os EUA deram amplo curso à sua tendência expansionista, ocupando até final desse século todo o território para Oeste até ao Pacífico. A dou-

trina nacionalista do “destino manifesto”, o “darwinismo social” e a crença numa “missão” civilizadora nortearam os ideólogos desta primeira fase do imperialismo americano, que avançou para as Filipinas, Cuba e Porto Rico. Entretanto, perpetuava-se a dependência de 4 milhões de ex-escravos, a que se juntaram os milhares de mexicanos convertidos, com o fim da guerra com o México, em cidadãos americanos de segunda categoria e ainda os índios do sudoeste, que aumentaram o número de nativos despojados e exilados na sua própria terra.

A afluência surgida da 1.^a Guerra Mundial esfumou-se com a queda da Bolsa em 1929 e a Grande Depressão. Com esta crise económica, de graves repercussões internacionais, culpavam-se os especuladores de Wall Street, os bancos e a administração, mas o capitalismo americano reergueu-se com o *New Deal* e o próprio impulso da 2.^a Guerra Mundial, preparando assim o caminho para a hegemonia.

Conhecemos então o mundo dividido entre os «bons» do lado do *American Way of Life* e os “maus” do lado de lá da Cortina de Ferro. Do *boom* económico que se seguiu, perturbado pela crise do petróleo na década de 1970, surgiu a nova fase pós-industrial ou pós-capitalista de um imperialismo vincadamente económico. A queda da URSS, na década de 1990, pareceu benéfica para a imagem dos EUA. A sua intervenção em ações políticas de cunho imperialista, revestidas pelo sempiterno *slogan* da “defesa da democracia”, o alastrar do seu modelo económico ao nível global e a difusão da sua influência cultural fizeram crer na perenidade do império. Contudo, sinais de queda explodiram com as Torres Gémeas em 2001 e ressurgiram em 2007, com nova crise económica internacional. De novo se culpavam os especuladores de Wall Street, os bancos e a falta de regulação. O que sobreviverá deste “paradoxo americano”, obcecado pela segurança e enredado nos seus próprios mitos?

Isabel Caldeira

Euro

O euro é a moeda comum de 17 países da UE: Áustria, Bélgica, Finlândia, França, Alemanha, Irlanda, Itália, Luxemburgo, Países Baixos, Portugal e Espanha (1999, ano em que foi introduzido como meio de pagamento eletrónico), Grécia (2001), Eslovénia (2007), Chipre e Malta (2008), Eslováquia (2009) e Estónia (2011). As notas e moedas entraram em circulação em 1 de janeiro de 2002.